

Carta para quem (não) se importa

Joadir Antônio Foresti

Juliana Dracz Machado Rennó

Maria Isabel Felix De Matos

Este relato conta a experiência de duas turmas de estudantes provenientes do Jornalismo, da Publicidade e propaganda e do Serviço Social, ao receberem o desafio de escrever uma carta baseados no documentário Quem se Importa. Nas linhas que seguem, é possível verificar a importância de se resgatar um dos mais primitivos meios de comunicação, a carta. No contexto das redes sociais tecnologicamente assistidas pela internet, o fator tempo e distância física parecem ter sido extintos do pensamento e do comportamento humano. O relato procura fazer este resgate por meio de um exercício simples, escrever cartas. Para quem já escreveu cartas na vida, parece um exercício fácil, mas para quem nunca escreveu, as reações podem ser inusitadas, como pode ser visto mais ao final, na parte das reações. Ainda, a atividade se encontra no contexto da mobilização social, pois procura, por meio de questões sociais e pessoais, motivar para um pensamento mais complexo ao ponto de realizar ações concretas.

O documentário - “Qual é o nome que se dá para um rico empresário que decide doar toda sua fortuna para desenvolver o setor social? Ou para um ativista que de tanto protestar inicia um movimento que acaba mudando tudo ao seu redor? Afinal, quem é o empreendedor social?”. O sentimento de ignorância e apatia se tornaram o pior inimigo do ser humano e, em meio a tantos problemas, muitas pessoas deixaram de se importar, posto que optaram por acreditar que não há nada que possam fazer. Todavia, exemplos surgem ao redor do mundo e mostram: é possível, sim, fazer a diferença e acabar com os maiores problemas sociais.

Focada nesses exemplos, a cineasta Mara Mourão reuniu 18 empreendedores sociais para mostrar que com ideias simples é possível inspirar várias pessoas ao redor do mundo. O documentário *Quem se Importa*, lançado em março de 2014, traz relatos de indivíduos que causaram um impacto positivo em algum canto do planeta. Muito mais que um filme, trata-se de uma ferramenta de incentivo para pessoas usarem as habilidades em prol do bem social. Assim, os protagonistas destes projetos buscam e vivem experiências de empatia e, por meio do trabalho que realizam, transmitem o sentimento de que algo melhor está por vir.

“Nós devemos imaginar que tipo de mundo queremos e, a partir daí, começar a criá-lo”, comentou Muhammad Yunus, no documentário. Vencedor do Prêmio Nobel da Paz, em 2006, o bengalês criou o *Grameen Bank*, a primeira instituição financeira especializada em microcrédito. A ideia surgiu a partir da experiência de emprestar US\$ 27 a quem necessitava no intuito de que a população mais pobre não recorresse a agiotas. “Eu acho que a pobreza pode ser eliminada do mundo inteiro, porque ela não faz parte da sociedade humana, mas é artificialmente imposta aos seres humanos”, sonhou o empreendedor social.

Com ideias brilhantes de alto impacto e baixo custo, milhares de pessoas causam mudanças sociais no globo. Para Karen Tse, fundadora do *International Bridges for Justice*, “não se trata apenas do resultado, é quem você se torna durante a jornada que realmente importa no final”. O empreendimento social de Tse visa proteger os direitos legais básicos de cidadãos comuns em países

em desenvolvimento, ou seja, garantir representação legal competente, julgamento justo e direito de estar livre de torturas.

Em *Quem se Importa*, fica evidente que ser empreendedor social não significa mudar o mundo e fazer milagres no sentido literal da palavra, mas promover a mudança dentro do possível e, uma vez que um indivíduo é tocado, o mundo dele é transformado. Com esse pensamento, Rodrigo Baggio usou a tecnologia como ferramenta para enfrentar a pobreza e estimular o empreendedorismo e a cidadania. Com o Centro de Democratização da Informática (CDI), mais de 1,3 milhão de vidas foram impactadas nos 13 países que abraçaram o projeto da ONG. “O trabalho do CDI é muito mais do que ensinar tecnologia para as pessoas de baixa renda, é sobre empoderar comunidades através da tecnologia”, declarou Baggio.

O documentário, por fim, incentiva pessoas a serem conscientes do próprio poder de transformação, a praticarem a empatia e a alteridade. Afinal, todos podemos ser empreendedores sociais, a diferença está em colocar em prática ou não. “Se você encontrar a sua motivação, ninguém vai te impedir. E não peça permissão para ninguém, apenas faça. E as pessoas vão começar a se juntar a você e mais cedo ou mais tarde você vai olhar para trás e verá que criou algo que realmente pode mudar o mundo”, aconselhou Premal Shah, fundador da plataforma Kiva, que conecta pessoas no intuito de minimizar a pobreza através de microfinanciamento.

De onde partimos - O homem, desde longa data, procurou estabelecer processos de comunicação entre seus semelhantes, fazendo uso de inúmeros recursos. Constituiu-se uma forma singela de entender o que seria essa comunicação, o processo de transmissão de mensagens entre um emissor e um receptor, provocando efeitos nos agentes envolvidos (França, 2002). Para chegar ao estágio de conhecimento vivido pelo homem hoje, foi preciso também instruir os indivíduos, uma vez que a educação se tornou a base para o desenvolvimento social. Nesse sentido, não existe aprendizagem sem haver também comunicação, cujo efeito causado nos agentes é justamente a troca de ideias. Mas, como garantir que o conhecimento seja transmitido de geração em geração?

Houve uma importante inovação que marcou a humanidade e permitiu a transmissão e a perpetuidade de informações por meio do registro, a escrita. A escrita revolucionou o modo como se vive e estabeleceu a transição da pré-história para a história. De acordo com Felipe Pena (2008), a invenção da escrita ocorreu a aproximadamente cinco mil anos a.C e é atribuída ao povo de Uruk, situada ao sul da Mesopotâmia, atual Iraque. Todavia os monumentos escritos mais antigos estão em sumério, idioma que utilizava ideogramas. O alfabeto só seria inventado três mil anos depois.

Com a escrita, a transmissão cultural deixa de ser oral e passa a ser registrada em diversos suportes, como couro, tiras de chumbo, papiro e, posteriormente, papel, por volta do século X. Mais ainda, as pessoas puderam se comunicar a longas distâncias, transmitindo informações através de cartas – considerada um dos meios de comunicação mais antigos do mundo -, para depois desenvolverem outros recursos que viabilizassem o contato em um menor espaço de tempo.

À medida em que tais avanços ocorriam, o homem se tornava capaz de quebrar barreiras, descobrir, pouco a pouco, a potencialidade de agir no mundo e se reconhecer numa coletividade. Assim, “ele se mobiliza junto aos seus semelhantes e compartilha desejos, sentimentos e ações, na tentativa de construir uma vida que lhe dê liberdade e autonomia” (MAFRA, 2010).

Olhando sob esses pontos de vista, encontram-se evidências, portanto, de que educação e comunicação caminham juntas. O processo de educomunicação torna o sujeito um ser social, uma vez que mostra a ele suas potencialidades através do conhecimento adquirido, bem como o torna partícipe de uma comunidade, na qual divide valores e propósitos comuns. Assim, nasce um processo de convocação de vontades para uma mudança de realidade, a mobilização social (MAFRA, 2010).

A mobilização social é essencial para o processo de emancipação, ou seja, promove indivíduos capazes de interferir na sociedade e construir a própria realidade através da autonomia e da participação. Desse modo, trata-se de uma ação política, essencial na democracia (MAFRA, 2010).

Esta mobilização acontece quando um grupo de cidadãos de determinada comunidade ou sociedade, decide agir em conjunto, com foco em um único objetivo, buscando assim, resultados almejados por todos. “Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados” (TORO, WERNECK, 2004). A participação neste processo é um ato de liberdade, portanto, uma escolha individual. Esta decisão depende da forma como as pessoas enxergam sua capacidade de construir e provocar mudanças.

Neste processo, algumas barreiras podem impedir a atuação de determinado grupo ou indivíduo. Destaca-se o fatalismo e a desesperança.

O fatalismo acaba gerando e justificando um certo tipo de cinismo, uma vez que, por causa dele, aceitamos conviver com situações que condenamos. Por isso, seu antídoto é o apelo ao compromisso, ao comportamento e aos valores éticos das pessoas. Mostrar e conseguir que as pessoas vejam que existem situações nas quais não podemos conviver, em relação às quais não devemos ser tolerantes. “Quanto a desesperança, o remédio é trabalhar o conceito de cidadania. (TORO, WERNECK, 2004).

Vencida esta barreira, é preciso ter coragem e começar a traçar um horizonte. Os resultados virão para ampliar o sentimento de empreendedorismo coletivo, segurança, e a sensação de que é possível sim produzir mudanças.

A mobilização precisa estar sempre aberta para pessoas que se identificam com a atuação e querem contribuir com seus propósitos. A base deste processo é o consenso em torno da vontade de mudar e construir uma realidade mais democrática. Apesar de não ser um processo fácil, “se alguma conclusão ele tem é que sonhos são pra serem construídos e não apenas sonhados” (TORO, WERNECK, 2004).

Portanto a comunicação, para Toro e Werneck (2004), exerce um papel fundamental, o de garantir um abrangente compartilhamento de informações em todas as etapas do processo, o que inclui os objetivos, justificativas, propostas e opiniões. A informação é uma forma de assegurar a participação livre e consciente.

A comunicação toma forma a partir do modelo do projeto, fins e objetivos. Mas, a efetividade desse campo perante a mobilização depende do conhecimento. Uma pesquisa prévia é essencial para escolher o conteúdo e os canais que serão utilizados, bem como a definição do receptor.

A aula - A disciplina, ministrada no sétimo semestre do curso de Comunicação Social, oferece aos estudantes uma série de conteúdos práticos e teóricos, que contribuem para a formação profissional. Entre os objetivos, destaca-se a compreensão do conceito de comunidade e suas transformações no contexto do mundo globalizado, compreensão do conceito de mobilização social e identificação dos elementos que instrumentalizam este processo. Os conceitos são associados ao campo da comunicação. Entre os objetivos práticos estão a implementação e desenvolvimento de ações de Educomunicação. Os temas estudados estão relacionados aos objetivos citados. Entre eles, vale ressaltar: as características da comunicação comunitária, coletivização de reeditores, a importância das alianças entre diferentes atores sociais, Movimentos Sociais, mobilização social e saberes e fazeres da comunicação comunitária na prática.

Atividade em aula - O documentário foi exibido em sala de aula durante a disciplina de Agência Experimental de Comunicação Comunitária, frequentada no sétimo semestre. Dos 48 alunos matriculados em dois turnos, 60% aderiram ao exercício, totalizando 30 cartas produzidas. Os 34 alunos da manhã produziram 23 cartas. Os 14 estudantes matriculados no noturno encaminharam 7 cartas de suas produções.

O objetivo da atividade em aula, foi o de sensibilizar os alunos acerca do papel de cada um na sociedade e como desenvolver projetos sociais e empreendedores centrados no sentimento de empatia. Após a exibição do filme, a turma foi desafiada a destacar os principais pontos do documentário e promover um debate aprofundado sobre a necessidade ou não de se importar com o que acontece ao redor de cada um.

O professor aproveitou o momento de reflexão para incitar os alunos a desenvolverem projetos de Educomunicação, área que se relaciona com o curso de todos os estudantes. Assim, associada a produção, foi indicada a leitura do texto “Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional”, de

autoria do doutor em comunicação Rennan Lanna Martins Mafra (2010). O artigo traz um estudo sobre os processos de mobilização social e os movimentos de organização dos cidadãos em torno dessa causa como fenômenos do campo da comunicação, além de também resgatar reflexões que auxiliam na compreensão do tema.

Após o momento de discussão e meditação a respeito de maneiras de atuar em prol do bem social, foi dada a tarefa de escrever um texto motivador, no formato de carta, destinada a uma pessoa que o estudante conhece e sente que está incrédula ou insensível às propostas apresentadas no material, bem como associadas a situações vivenciadas no dia a dia. Em suma, a atividade consistiu em escrever uma ‘carta para quem não se importa’.

No texto da carta, cada estudante deveria destacar elementos do contexto em que estão inseridos e experiências de empreendedorismo social, bem como iniciativas que estão à volta de cada um e podem contribuir para o “despertar” do destinatário, além de trazer exemplos de projetos que visem a valorização do ser humano.

Destinatários - Os destinatários das cartas, são em geral, pessoas do cotidiano. Destacam-se amigos, entre eles a Ana, a Elizabeth, o Arthur, a Joana e o Daniel. Irmãos, pais, mães, primas. sobrinhos, avós, tios. Mas, há também, destinatários considerados pessoas públicas perante a sociedade: presidente Michel Temer, Donald Trump e Kim Jong-un e o prefeito de uma cidade baiana. Bem como as cartas que possuem mais de uma pessoa como foco. Nesta categoria encaixam-se: o mundo e os “internautas de plantão, que são falsos ativistas”.

Do total de 30 cartas produzidas, 13 destinam-se a amigos, 9 a parentes próximos, 4 a políticos, 1 a internautas considerados falsos ativistas, 1 ao mundo, 1 ao vizinho e 1 destinada para um empresário. Os principais problemas sociais expostos no documento foram: guerras, pessoas em situação de vulnerabilidade, injustiça social, bem como problemas gerais que permeiam a vida de cada um. Para solucioná-los, os remetentes lembraram, principalmente, da importância da empatia, da alteridade e incentivaram os destinatários a se mobilizarem, para tanto, lembraram casos de empreendedores sociais de sucesso

presentes no documentário, bem como incitaram a pensar no mundo que cada um quer.

Cartas - Abaixo, seguem três cartas selecionadas para exemplificar este relato. Elas foram escolhidas por trazerem características marcadamente associadas a proposta do exercício.

CARTA 1: Brasília, 12 de março de 2018.

Caro Daniel,

Sei que as coisas não estão fáceis para você: semestres finais da faculdade, TCC, sete matérias, estágios e projetos extraclasse. O mundo em nossa volta também não aparenta estar feliz: crise econômica, inflação, roubos, morte. Basta ligar a televisão e assistir à quantidade de notícias ruins ali transmitidas. A essa altura do campeonato, já nos preocupamos com o desemprego e a vida adulta que nos espera. Nossa perspectiva de futuro é totalmente diferente daquela que tínhamos no início da graduação.

Com tantas preocupações, deixamos de lado as iniciativas sociais que nos rodeiam e contribuem para uma vida e um mundo melhor. Pensando nisso, estou escrevendo para lhe contar sobre algumas iniciativas que podem trazer luz à sua vida novamente. Um exemplo disso, são os empreendedores sociais, aqueles que visam o bem-estar social, através da percepção de problemas que afetam a sociedade e desenvolvem ferramentas para resolvê-los.

Essas iniciativas atendem as necessidades da população e possibilitam o acesso a serviços e produtos antes considerados inacessíveis. Mas amigo, ao ler esta carta você deve estar imaginando como essas informações podem te afetar ou contribuir para que você tenha uma vida mais feliz e satisfatória.

Uma ideia interessante é o trabalho voluntário, doar seu talento, tempo e trabalho para causas que possam melhorar a qualidade de vida da comunidade. E não é preciso sair da Universidade para encontrar projetos que abraçam voluntários.

Por aqui, o projeto Alfabetização Cidadã realiza um lindo trabalho de alfabetização de idosos, que nunca tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Durante o período que auxiliei a professora na sala de aula, pude perceber

a alegria que é para os alunos a sensação de poder ler algo, que consideramos fácil, como o letreiro do ônibus, conseguir preencher um cheque ou até mesmo poder assinar o nome e não utilizar mais a digital. Ao final do semestre, pudemos contribuir para que eles participassem de uma formatura emocionante, na qual era perceptível a alegria da família e dos formandos, bem como a gratidão para com os voluntários e os gestores do projeto.

Minha inspiração para lhe escrever esta carta, e tentar aumentar sua capacidade cidadã e poder valorizar-se como ser humano, veio do documentário “Quem se Importa”, dirigido pela cineasta Mara Mourão. Ele conta a experiências de empreendedores sociais que modificam a realidade de suas comunidades. Assim, os protagonistas destes projetos buscam e vivem experiências de alegria através do trabalho e assim se sentem vivas. Através do questionamento: “Como você motiva pessoas que nunca se sentiram parte de uma comunidade global?” eles relatam como vivem além das possibilidades do sistema e alteram pequenas coisas no dia a dia.

Não quero me alongar demais, por isso encerro por aqui. Deixo com você meu incentivo e vontade de lhe ver se sentindo vivo e acreditando no mundo novamente. Se precisar de ajuda, conte comigo.

Abraços, Juliana

CARTA 2: Brasília, 12 de março de 2018

Cara Tatiana,

Num outro dia, estava me lembrando de uma conversa que tivemos a respeito de todas essas barbáries que vemos no noticiário, em vários lugares do mundo. Você me disse que estava desacreditada da capacidade do homem de fazer o bem. De fato, estamos em um tempo ruim, mas o mundo é este: vive em ciclos, logo as coisas vão se ajeitar.

Admito que eu também tive meu momento de desesperança, principalmente depois de termos tido a oportunidade de ir a Auschwitz e poder ler aqueles relatos de sobreviventes do Holocausto. Como o homem pode ter chegado a tal ponto?

Eu te escrevo, no entanto, para dizer que as coisas estão mudando. Acredito e vejo exemplos de pessoas capazes de ajudar ao próximo e, como minha mãe sempre fala, “fazer o bem sem olhar a quem”. O que aconteceu para eu mudar de opinião? Conheci pessoas e elas me mostraram que é possível praticar a alteridade.

No ano passado, fazendo uma pesquisa sobre imigrantes e refugiados, eu conheci a irmã Rosita Milesi, do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH). O trabalho dela é incrível e inspirador! Essa mulher simplesmente dedica tudo o que tem em prol desse grupo de pessoas. Em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), o IMDH já acolheu e deu subsídios a muitos estrangeiros que tentam a vida no Brasil. E o melhor é que eles dividem todo o trabalho com a comunidade por meio de um website, das redes sociais e mobilizações.

Também tive a honra de conhecer o grupo de palhaçaria hospitalar Sagrado Riso. A fundadora da trupe, Alessandra Vieira, me disse que o trabalho é inspirado nos Doutores da Alegria. No intuito de humanizar o ambiente hospitalar, o grupo traz a arte do riso para os hospitais, a fim de que os doentes possam esquecer, mesmo que por um momento, os seus problemas. Para quem se interessar em participar, eles dão um curso gratuito.

Mas não é necessário criar um instituto ou uma ONG para propagar o bem. Na semana passada eu fui ‘panfletar’ em um semáforo para ajudar a divulgar a loja de um amigo, chegando lá, eu conheci o Raimundo. Conversa vai, conversa vem, e ele me disse que trabalha de domingo a domingo em três empregos! Tudo isso para ajudar no sustento da família que mora em Águas Lindas, distante 60 km de Brasília. No momento, ele estava tentando vender goiabas no semáforo. “Tem dias que eu não consigo vender uma goiaba sequer, às vezes dá vontade de desistir”, desabafou comigo. Por sorte, naquele dia, ele conseguiu vender uma bandeja com as frutas. Cinco minutos depois, ele sai para uma vendinha e volta com uma bebida para mim e uma para ele. Ou seja, ele gastou o que ele arrecadou no dia pensando no meu bem-estar (fora o fato de ele me deixar comer as goiabas que vendia).

Exemplos como esses enchem meu coração de alegria por perceber que a alteridade ainda é praticada. Decerto, problema é o que não falta no mundo, mas para que eu vou focar nas coisas ruins? Há tantas coisas boas acontecendo, tantas pessoas que se mobilizam para ajudar o próximo. O que precisa é que as pessoas deem um passo além do conforto, porque o homem é quem faz a história. Agora eu te pergunto: como nós queremos deixar nossa marca no mundo?

Thomas Hobbes diz que “o homem é o lobo do homem”. Eu não acredito nisso. Penso que o homem é naturalmente bom. O que deturpa a natureza humana é o sistema a que estamos inseridos, que institui as hierarquias e a fome de poder, aliás, a graça do capitalismo é você poder se sentir superior ao outro.

Mas nós podemos viver neste sistema e, ainda sim, instituir o bem e uma sociedade igualitária. E temos ferramentas que nos ajudam a mobilizar o máximo de pessoas possíveis, principalmente através da internet. Mas, para isso, a mudança precisa começar em nós mesmos, e eu conto com você para que aconteça.

Atenciosamente, Maria Isabel Felix

CARTA 3:

Caro avô,

Não é de hoje que te vejo se queixando das coisas a sua volta. Já há muitos anos escuto suas reclamações acerca do, segundo você, total descaso dos governantes para com o povo. A situação, realmente, não é das melhores e nos últimos anos parece se agravar. Os noticiários são repletos de alertas sobre crise econômica, corrupção, e mais recentemente problemas ambientais. Realmente, você tem razão, mas não de forma absoluta.

Sim, todos esses problemas que o cercam e que você insiste em tão somente enxergar, realmente carecem de intercessão eficaz. Mas devemos analisar também para a necessidade de olhar o sorriso. Apesar de não se preocupar com o bem-estar financeiro, ou pelo menos não conseguir demonstrar essa preocupação em meio ao mar de escândalos, existe uma preocupação com estar bem economicamente para o mundo, para as vitrines onde circulam os investidores.

Temos um “Governo preocupado com o PIB e ninguém se preocupa com a alegria”, “enxergando facilidade em terra bruta e no que existe no botão”.

Talvez seja o momento de refletir sobre a vida. Realmente o dinheiro é mais importante? Todas essas questões econômicas estão acima de estampar um sorriso no rosto? Comunidades em todo o mundo, em situação de miséria, sentem, com toda certeza, falta do dinheiro, mas, o pouco que lhes aparece, já é suficiente para um muito de contentamento. É esse pouco, para quem não tem nada, que me faz pensar em você, que tem muito. O seu muito, parece nunca ser muito. Mesmo com tudo de bom que o cerca, os questionamentos são constantes.

Sem me estender muito, deixo com você o desafio de tentar encarar mundo de outra forma. Será que nunca seremos totalmente felizes? Sempre vai faltar algo? O que você diz estar faltando, é realmente necessário? Será que o vizinho, que tem menos que você, não é mais feliz?

Abraços, Daniel!

As reações - Duas semanas depois de ter lançado o exercício, o professor perguntou aos alunos se haviam encontrado dificuldades para elaboração da carta. Depois de ouvir os relatos de quem se deparou com problemas para redigir o texto, discutiu-se o porquê de tais estorvos. Logo após salientou a importância da experiência adquirida com o exercício. Uma constatação ficou marcada: quase nenhum aluno havia escrito uma carta anteriormente. Além disso, alguns estudantes relataram as experiências contando que, à medida em que redigiram o texto, sentiam que estavam escrevendo para si mesmos, ou seja, se sentiam incrédulos e o relato também valia para eles.

A atividade procurou retomar uma das primeiras formas de se comunicar à distância, evidenciando o exercício de escrever cartas. A escolha de um meio de comunicação quase em extinção teve como objetivo desenvolver a experiência de tempo e espaço, uma vez que os atuais mecanismos são caracterizados pela instantaneidade, pela conectividade e pelo não-espaço, dado ao meio virtual.

Para completar a experiência de redigir uma carta, foi proposto aos alunos enviarem os textos aos respectivos destinatários, pondo-as no correio. E o docente questionou: “o que te impede de realmente enviar a carta ao destinatário?”

Diante das reflexões e provocações na realização do exercício, foram coletadas algumas impressões dos estudantes que, ao escrever a carta, se sentiram tocados e compartilharam a reflexão.

A estudante 'A' ponderou: "Penso que o exercício da carta serviu como um processo de reflexão própria. Ao parar pra pensar no problema do outro e ao incentivá-lo a mudar, a gente acaba olhando para nosso próprio comodismo e refletir se não vale mudar também". Já a estudante 'B' refletiu: "Eu achei estimulante. Ao refletir sobre o porquê acho que alguém "não se importa", eu acabei refletindo as várias situações que passo na minha rotina, que eu olho e falo "não tem nada que eu possa fazer", então acho que essa carta acaba sendo um reflexo para que deixemos de ser hipócritas uns com os outros."

No que se refere ao fato de ter que escrever uma carta, foram coletadas algumas reações peculiares. Para o estudante 'C' "Foi uma experiência nova, poder escrever a carta, pois eu estou acostumada com o imediatismo e tive que lidar com a espera e a dúvida de se a carta chegou ao destinatário.". O Estudante 'D' reagiu assim: "Minha experiência foi bem impactante de certa forma, porque quando se fala em enviar carta, nos dias atuais é algo meio retrógrado, algo que remete há muito tempo atrás, e sempre ouvi meus avós falando das dificuldades de mandar uma carta para um ente querido e principalmente da angústia de esperar a resposta. Então, quando eu passei por isso foi meio que viver isso com eles, meio que por um instante voltar ao tempo. Acho também que todo mundo deveria fazer esse tipo de coisa, hoje em dia estamos muito ligados a facilidade da internet, tudo ser tão rápido e instantâneo é uma evolução da atualidade e com isso não precisamos nos preocupar com essa besteira de carta, mas, acho que valeria a experiência de enviar uma carta, só por curiosidade, não custa nada". Ainda, para a estudante 'E', "Achei estranho o fato de ter que pegar papel e caneta para escrever. Estou acostumada a digitar e a enviar as coisas via internet, o que eu acho mais prático. No entanto, pude ter uma noção de como as coisas funcionavam antigamente".

Considerações finais - Realizar um exercício no qual todos se surpreendem com o resultado é uma experiência fabulosa. Foi o que aconteceu com esta atividade compartilhada a qual foi dada o nome "carta para quem (não) se importa". No

início, um documentário e leituras de apoio sobre mobilização social, na disciplina de sétimo semestre. Em seguida, o exercício de fixação e, por fim, uma reflexão aprofundada de visão de mundo e de envolvimento com grandes causas humanitárias. A análise acerca dos processos de mobilização que os cercam, proporcionou aos alunos o entendimento de que uma sociedade mais justa e igualitária, é um processo que depende essencialmente de pessoas da própria comunidade, que viram em si a capacidade de construir e provocar mudanças. A partir do exercício, os estudantes puderam meditar sobre o papel de cada um na sociedade, bem como se deram conta de que para fazer a diferença é preciso agir. Os envolvidos descobriram que, por meio de uma carta, algo tão “antigo”, é possível realizar a melhor e a maior mobilização que pode existir, a que vem de quem se propõe a escrever, em que o remetente é também o destinatário. Independente dos métodos, mais antigos ou mais modernos, o ato de escrever cartas é uma forma de reconhecer-se cidadão e isso é ponto de partida para pensar no coletivo como essência da comunicação. Se estes estudantes conseguiram refletir sobre o próprio pensar e agir, quem se importa?

Referências

FRANÇA, Vera R. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? In: MOTTA, L. G.; WEBER, M. H.; FRANÇA, V.; PAIVA, R. (Org.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Ed. UnB, 2002. cap. 1, pp. 13-29.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 11, p.105-118, jan. 2010.

MOURÃO, Mara. **Quem se importa** - Documentário, 93 min. Direção de Mara Mourão e produção de MAMO FILMES e GRIFA FILMES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DOFfDM_B-Aw>. Acesso em: 23 fev. 2018.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2004.

Sobre os autores:

Joadir Antônio Foresti - professor e pesquisador na Universidade Católica de Brasília, onde leciona comunicação organizacional e comunicação comunitária, desenvolve pesquisas desde 2010 sobre educomunicação, tecnologias e mídias; é consultor na APPUI Estratégias em liderança. Doutourou-se em comunicação, cultura e tecnologias do imaginário (PUCRS) e é sócio da ABPEducom. BRASÍLIA/DF - joadir.foresti@gmail.com.

Juliana Dracz Machado Rennó - graduanda em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Católica de Brasília. Participou do projeto de extensão Alfabetização Cidadã, auxiliando na alfabetização de idosos no DF. Também foi bolsista no Projeto de Iniciação Científica Migração para a TV Digital, no qual participou do processo de mobilização e registro deste importante momento para a população. Atualmente, é estagiária na Assessoria de Comunicação do Ministério Público do Trabalho (MPT). BRASÍLIA/DF - julianadracz@gmail.com

Maria Isabel Felix De Matos - graduanda em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Católica de Brasília. Participou do projeto de extensão SER+, desenvolvendo atividades com uma comunidade carente do Distrito Federal. Também foi bolsista no projeto de pesquisa Mídiamigra - Observatório de Mídia e Comunicação Intercultural. Trabalhou como repórter na empresa júnior Olfato Comunicação, passou pelas editorias de cultura e cidades do jornal Correio Braziliense. Atualmente, é estagiária na assessoria de imprensa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). BRASÍLIA/DF - mabel.felixm@gmail.com